

Über v Taxi

O momento mais *hip* de Lisboa em 2014 foi a entrada da *Über* no mercado português. Já tinha escrito, num registo mais jurídico, sobre os limites do acesso ao mercado das farmácias. Não deixa de ser algo divertido escrever agora, e sem grande técnica, sobre o que se passa com os nossos transportes.

A ideia que me parece mais importante é perceber qual o valor mais importante em jogo neste mercado: o interesse do consumidor, ou a transformação do consumidor em consumido.

Não me parece importante que o táxi, como conceito, tenha sumido. Mas parece essencial que o consumidor possa ter acesso a um transporte individual, rápido, seguro, menos poluente que outros transportes individuais, e com um preço razoável e serviço prestável.

Foi isso que me fez deixar de utilizar táxis: há anos, em Paris, ando a pé, de bicicleta, ou de VTC, o chamado veículo de turismo, regime seguido, por exemplo, pela *Über*.

Em Paris houve manifestações de taxistas e até bloqueio de estradas principais, contra os VTC. Os taxistas queixam-se de concorrência desleal. O Parlamento considerou medidas drásticas, como exigir aos VTC que antes de recolher um novo cliente regressassem à base, e que não pudessem responder a uma chamada de um cliente antes de passados 15 minutos. Os VTC criticam cartéis e corporativismos instituídos. E até de violência por parte dos taxistas.

Estes argumentos passam-me ao lado. Como consumidor, quero um transporte bom e barato.

Num VTC tenho carros novos, espaçosos, confortáveis, com iPad, água, música à minha escolha, uma app para o chamar, até bombons, preços mais baixos, bagagem grátis, motoristas discretos e prestáveis, GPS, débito de conta (não preciso de levar cartão nem dinheiro). Vão buscar-me às chegadas no aeroporto, esperam se o voo estiver atrasado e não cobram mais por isso. Levam-me as malas. E, repito, sai mais barato.

No táxi, já vi carros decrepitos, cheiros nauseabundos, motoristas menos simpáticos, que nem sempre falam a língua local nem sabem caminhos. Que cobram mais, e quantias inesperadas (o preço do VTC é fixo e pago à partida). Nem sempre param ou aceitam a corrida, cobram extra pelas

malas ou pelos transportes fora de horas, querem que pague em dinheiro e às vezes nem têm trocos. Nem todos serão assim, mas assim foi a minha experiência.

Dito isto, gostava que os táxis fossem como os VTC. E enquanto não forem, não esperem que os chame. Mais do que concorrência desleal, o que está em causa são os direitos dos consumidores e o mínimo a que um cliente de táxi tem direito, que o Direito deve exigir aos taxistas, e que as autoridades devem fiscalizar. *Comme il faut.*

Declaro que o texto que apresento é da minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respectivo conteúdo e citações efectuadas.

Novembro de 2014

Frederico Alcântara de Melo